Dia 8 — São João de Matha, Fundador da Ordem da Santíssima Trindade para a Redenção dos Cativos

Foi São João de Matha de nação francês, natural de Faucon, na Provença, e nasceu ao mundo no ano de 1160. Seus pais, a quem tornava mais recomendáveis a virtude que a distinguida qualidade de sua nobreza, criaram-no com especial cuidado na piedade, por tê-lo dedicado sua mãe, com voto expresso, à santíssima Virgem no primeiro dia que depois do parto entrou na igreja.

Como o menino João era de muito engenho, de natural feliz, de gênio brando e de um coração dócil, em pouco tempo se achou formado na virtude. Suas inclinações eram todas nobres e cristãs, e parece que nunca conheceu nem as travessuras nem as diversões da infância. Para ele não havia outras que os exercícios de devoção. Sua afabilidade, sua modéstia, sua circunspecção e sua candura eram indícios certos de sua inocência. Foi pouco tempo menino e menos tempo foi moço. O amor de Deus, a compaixão aos pobres e a terna devoção que já desde aquela idade professava à santíssima Virgem pressagiavam desde logo o eminente grau de sua futura santidade.

Persuadido Eufêmio de Matha, pai de nosso santo, de que seu filho não tinha menos talentos para os estudos que disposições para a virtude, enviou-o a estudar em Aix, querendo que ao mesmo tempo se dedicasse também a aprender as outras habilidades ou exercícios próprios de cavaleiros. A tudo se aplicou nosso João, e em tudo saiu eminente, sem que os exercícios da aula e da academia servissem de estorvo aos da virtude, que eram os primeiros em seu cuidado. Distribuiu o tempo de maneira que, dando ao estudo as horas competentes, não faltasse a seu fervor e a seu zelo todo o lugar necessário para fazer cada dia novos progressos na perfeição. Repartia entre os pobres o dinheiro que seus pais lhe enviavam para divertir-se e gastava nos hospitais o tempo que lhe sobrava de seus estudos e exercícios, sendo este o único respiradouro que buscava para suas laboriosas fadigas; e desde aquele tempo tomou o santo costume de ir servir aos enfermos todas as sextas-feiras do ano.

Acabados os estudos, voltou à casa de seus pais, cuja exemplar vida lhe ofereceu abundantes materiais para nutrir sua inata piedade. Não podendo já dissimular o tédio que o mundo lhe causava, pediu licença a seu pai para retirar-se a uma ermida pouco distante do mesmo lugar de Faucon. Passou nela algum tempo entregue à contemplação das coisas divinas; mas, como

interrompessem sua quietude e perturbassem seu repouso as frequentes visitas dos muitos que o buscavam movidos de sua reputação, resolveu afastar-se de seu país. Consentiram seus pais em que fosse a Paris estudar a sagrada teologia. Logo se deu a conhecer naquela célebre universidade, onde se graduou bacharel e por fim doutor. Igualmente se deixaram admirar seu espírito e sua virtude como sua sabedoria. Descobriram-se seus raros talentos entre os arrebóis de sua profunda humildade, e por fim o puseram na precisão de ordenar-se sacerdote.

Estremeceu-o a dignidade do sacerdócio, respeitável até aos anjos mesmos; mas foi preciso obedecer. Quis Deus acompanhar com extraordinários prodígios não só o ato de sua ordenação, deixando-se ver sobre a cabeça do santo uma coluna de fogo ao mesmo tempo em que o bispo lhe impunha as mãos, mas também sua primeira missa. Celebrou-a na capela do bispo de Paris, com assistência de Maurício, bispo de Sully, e dos abades de São Vítor e de Santa Genoveva, e com a do reitor da universidade.

Durante esta primeira missa teve aquela célebre visão em que se lhe apresentou, ainda que em confuso, o plano da nova religião de que em algum tempo havia de ser ilustre fundador e pai. Ao elevar a sagrada hóstia viu um anjo em figura de um formosíssimo jovem, vestido de branco, uma cruz vermelha e azul no peito e tendo a seus lados dois cativos de diferente religião, carregados de cadeias, os quais parecia que queria trocar um pelo outro. Ficou por algum tempo imóvel, fixos os olhos neste celestial objeto. Como o êxtase foi tão visível e durou bastante tempo, não pôde fazer mistério dele aos prelados. Declarou-lhes a visão, e todos convieram em que significava algum grande desígnio para o qual Deus o tinha destinado. João, por sua parte, querendo preparar-se melhor para ser digno instrumento da divina vontade, determinou ir-se a um deserto.

Havia ouvido falar de certo eremita chamado Félix de Valois, que fazia vida solitária num bosque do bispado de Meaux, junto ao lugar de Gandelu; foi buscá-lo, e a santa união que desde logo se formou entre aqueles dois grandes homens, pela conformidade de seus intentos, de suas virtudes e de seus ditames, deu lugar a conhecer que o céu os havia escolhido para que trabalhassem juntos numa mesma obra.

Não se pode explicar o fervor com que se aplicaram ao exercício de todas as virtudes. Suas penitências eram excessivas; as vigílias e os jejuns, contínuos; a oração era sua ocupação ordinária. Um dia em que ao pé de uma fonte se estavam santamente recreando, tratando da bondade e das grandezas de Deus, viram vir para si um cervo que entre as duas hastes trazia uma cruz de todo semelhante à que São João de Matha havia visto no vestido do anjo que lhe apareceu quando estava celebrando sua primeira missa. Com esta ocasião descobriu João a seu amado companheiro a visão que havia tido, e desde aquele ponto resolveram ambos dedicar-se à redenção dos pobres cristãos que gemiam cativos entre os mouros.

Havia-se estendido a fama dos dois santos eremitas, e havia concorrido a eles grande número de discípulos que, sob a disciplina de seu insigne magistério, faziam maravilhosos progressos no caminho da virtude. Dos mais fervorosos formou-se uma comunidade reduzida, cujo governo se viu obrigado nosso João a tomar a seu cargo; sendo este como o berço daquela ordem celebérrima que, tendo por caráter e por distintivo a mais perfeita caridade cristã, tem produzido e está cada dia produzindo tão grandes homens e tão grandes santos.

Não duvidando já São João e São Félix de que Deus os tinha destinados para trabalhar na redenção dos cativos cristãos que gemiam oprimidos no cativeiro dos mouros, tomaram a resolução de ir juntos a Roma para declarar ao sumo pontífice seus intentos e saber do primeiro oráculo da Igreja o que deviam executar. Admirado Inocêncio III de sua caridade e de seu zelo, louvou sua generosa resolução; mas, como se achasse duvidoso e indeciso em ordem a aprovar o novo instituto que lhe propunham, acabou de determiná-lo uma visão celestial; porque, estando dizendo missa em São João de Latrão no dia 28 de janeiro, apareceu-lhe um anjo vestido de branco, com os mesmos símbolos com que havia aparecido a São João de Matha quando disse em Paris sua primeira missa. Aprovou, pois, com elogio a nova religião, querendo que os que a professassem vestissem o hábito branco, com uma cruz vermelha e azul no peito; e que, por alusão a esta misteriosa variedade de cores, se chamassem irmãos da ordem da Santíssima Trindade para a redenção dos cativos. Fez São João de Matha ministro geral de toda ela; e, depois de ter cumulado os dois santos de graças e de benefícios, e a nova religião de favores e de privilégios, tornou a enviá-los à França, exortando-os a trabalhar incessantemente na redenção dos cativos cristãos, segundo o caritativo fim de seu piedoso instituto.

Não se pode ponderar com quanto aplauso foi recebida em todo o orbe cristão a nova religião. Visivelmente era obra da mão de Deus; e assim, em pouco tempo, fez maravilhosos progressos. Olhavam todos aqueles heróis da caridade cristã como uns anjos visíveis que Deus havia enviado para libertar da escravidão dos infiéis a tantos cristãos cativos. Filipe Augusto, rei da França, cumulou-os de benefícios. Gaucher de Châtillon cedeu-lhes o mesmo lugar que havia sido o primeiro berço da ordem, chamado Cerfroid, onde até hoje se conserva a primeira e principal casa de toda a religião. Fundou depois nosso santo outras muitas no reino da França; e, encomendando a São Félix o governo de todas elas, voltou segunda vez a Roma, onde o papa lhe deu a igreja e a casa de Santo Tomé de Formis, chamada Navicella. Em pouco tempo se fez uma comunidade muito numerosa, e o santo criou nela excelentes operários. Toda a sua ânsia era passar à África, e seu maior consolo seria, como ele mesmo costumava repetir, ficar cativo pela redenção de algum cristão; mas, detendo-o em Roma o sumo pontífice, para aproveitar-se de seus prudentes conselhos nos negócios mais importantes da santa Igreja, enviou dois de seus religiosos a Marrocos, que fizeram uma redenção de cento e oitenta e seis cristãos cativos. Acendeu-se mais seu zelo com um êxito tão pronto como feliz. Estava-se dispondo para partir à África quando o papa o enviou por legado da santa sé ao rei da Dalmácia, com título de capelão seu.

Foi fruto de sua legacia a restauração da disciplina eclesiástica, a reformação dos costumes e a conversão de toda a corte. Confirmou os povos na fé, sujeitou-os à obediência da cadeira apostólica e, com as maravilhas que obrou, fez demonstração de quanto pode um legado quando é santo.

Quando voltou a Roma, não pôde o papa, por mais que fez, obrigá-lo a aceitar o chapéu cardinalício que lhe tinha destinado; viu-se obrigado a ceder não só a sua humildade, mas também a seu zelo, permitindo-lhe passar à África, que era todo o objeto de suas ânsias. Logo que chegou lá, acendeu a fé quase apagada em muitos dos cristãos cativos. Olhava com desprezo a morte pelo desejo do martírio. Empenhou-o tanto seu zelo infatigável nos ofícios de caridade que se viu a ponto de ser degolado pelos bárbaros. Uma vez o acharam na cidade de Túnis coberto de feridas e nadando em seu próprio sangue, tendo-se por ditoso em padecer alguma coisa por Jesus Cristo,

dizendo em voz alta que, já que não merecia ser mártir, desejava ao menos ficar por cativo.

Mas eram outros os desígnios do Senhor. Depois de muitos trabalhos, partiu nosso santo de Túnis com os cativos resgatados. Apenas havia embarcado, os bárbaros, resolvidos a que de uma ou outra maneira perecesse, entram como fúrias no navio, arrancam o leme, fazem pedaços os mastros, destroçam as velas e, não duvidando ser testemunhas de seu inevitável naufrágio, deixam o casco à mercê das ondas e dos ventos. Mas nosso santo, que tinha colocada sua esperança em coisa mais segura que o aparelho da marinhagem, cheio daquela viva fé que o animava, tomou sua capa e as de seus companheiros e acomodou-as o melhor que pôde em lugar de velas, rogou ao Senhor que fosse o piloto do navio e, posto de joelhos sobre a ponte superior com um crucifixo na mão, entregou-se ao cuidado da divina Providência. Cuidou o Senhor de seu fiel servo, e em poucos dias chegou felizmente com toda a sua tropa ao porto de Óstia.

Por este tempo a heresia dos albigenses, vencida a barreira dos Alpes, começava a estender-se pela Itália. Fez o papa inquisidor nosso santo, e com sua atividade deteve logo a impetuosa carreira daquele monstro envenenado.

Embora a viagem da África, os maus-tratos que padeceu em Túnis e as excessivas penitências em que jamais se dispensou tivessem arruinado inteiramente sua saúde, viu-se obrigado, pelo maior bem de sua religião e da Igreja, a percorrer a Itália, a França e a Espanha, fundando conventos em todas as partes e reformando em todas os costumes. Estabeleceu a adoração perpétua da Santíssima Trindade, para restituir às três divinas Pessoas a glória e o culto de que as heresias pretendiam despojá-las. Na Espanha resgatou grande número de cristãos que gemiam oprimidos sob a escravidão dos sarracenos. Na França, o rei Filipe Augusto deu-lhe o título e as honras de teólogo, conselheiro e esmoler seu; títulos de honra que desde então têm concedido todos os reis cristianíssimos ao geral de toda a sua religião. Depois de ter obtido em Paris a capela de São Maturino e ter lançado nela os fundamentos de um insigne mosteiro, partiu para Roma, onde o papa o chamava e onde logo havia de pôr ditoso fim à gloriosa carreira de sua vida.

Os dois últimos anos dela passou-os em visitar os encarcerados, em consolar e assistir aos enfermos, em socorrer os pobres em suas necessidades e em pregar com indizível fruto a palavra de Deus. Pregava a necessidade da penitência com tanta eficácia e com êxito tão feliz que se viam portentosas conversões. Não era fácil resistir à força e à unção de seus sermões, efeito quase necessário de sua eminente virtude. Sua mortificação chegou ao mais alto grau. Por muitos anos mal comia mais que pão e água; seu jejum era contínuo e sua oração incessante.

Como seus pais o haviam dedicado à santíssima Virgem desde seu nascimento, olhou-a sempre como sua querida mãe e quis que sua ordem estivesse sob a especial proteção desta Senhora. Finalmente, extenuado à força de trabalhos e de penitências, cumulado de merecimentos, dotado do dom de profecia e de milagres, consumido das puríssimas chamas da caridade cristã e rodeado de seus amantíssimos filhos, que se desfaziam em lágrimas, depois de deixar-lhes em herança seu verdadeiro espírito, rendeu sua inocente alma nas mãos do Criador no dia 21 de dezembro do ano 1214, aos sessenta e um de sua idade e aos dezesseis depois de confirmada sua religião.

Por três ou quatro meses esteve exposto seu santo corpo na igreja de seu convento de Santo Tomé, com licença do papa Inocêncio III, para consolo dos inumeráveis que concorriam a venerá-lo, atraídos da fama de sua santidade e dos muitos milagres que obrava Deus por sua intercessão, ainda estando no féretro. Não podendo celebrar-se sua festa no dia 21 de dezembro, por estar dedicado ao do apóstolo São Tomé, antecipou-se ao dia 17 do mesmo mês, até que o papa Inocêncio XI, por seu breve de 30 de julho de 1679, fixou-a ao dia oito de fevereiro.

Martirológio Romano

A festa de São João de Matha, confessor, fundador da ordem da Santíssima Trindade para a redenção de cativos, o qual repousou no Senhor no dia dezessete de dezembro.

Em Roma, os santos mártires Paulo, Lúcio e Ciríaco.

Na Armênia Menor, a festa dos santos mártires Dionísio, Emiliano e Sebastião.

Em Alexandria, no tempo do imperador Décio, Santa Cointa, mártir, a quem os pagãos levaram à força diante dos ídolos para obrigá-la a adorá-los; mas, como ela se resistisse a fazê-lo, abominando-os, ataram-lhe os pés com cordas e a arrastaram pelas ruas da cidade até deixá-la despedaçada com horrível tormento.

Em Constantinopla, os santos mártires religiosos do mosteiro de Die, os quais foram cruelmente mortos pela fé católica porque levavam umas cartas do papa São Félix contra o herege Acácio.

Na Pérsia, a memória de muitos santos mártires que, em ódio à fé cristã, fez morrer o rei Cabades com diversos gêneros de suplícios.

Em Pavia, São Juvêncio, bispo, que trabalhou com zelo no ministério apostólico.

Em Milão, São Honorato, bispo e confessor.

Em Verdun, São Paulo, bispo, esclarecido por seus milagres.

Em Muret, no bispado de Limoges, Santo Estêvão, abade, fundador da ordem de Grandmont, glorioso não menos em virtudes que em milagres.

No mosteiro de Valombrosa, o bem-aventurado Pedro, cardeal bispo de Albano, da congregação de Valombrosa, da ordem de São Bento, chamado o Cardeal Ígneo, porque passou pelo fogo sem receber dano algum.

Missa (oração)

A missa do dia é em honra deste grande santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui per sanctum Joannem de Matha ordinem sanctissimæ Trinitatis ad redimendum de potestate Saracenorum captivos cœlitus instituere dignatus es: præsta, quæsumus, ut ejus suffragantibus meritis, a captivitate corporis et animæ, te adjuvante, liberemur: Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que vos dignastes instituir a ordem da Santíssima Trindade para a redenção dos cativos por meio de São João de Matha, valendo-vos de uma visão celestial: suplicamo-vos que, por vossa graça e por seus merecimentos, sejamos livres do cativeiro da alma e do corpo: Por nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”).

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Nota

«Aplica a Igreja aos santos confessores o que o Espírito Santo diz neste capítulo do homem rico que, sendo dono e não escravo de seu dinheiro, conserva a inocência em meio das riquezas e só se

vale de seus cabedais para servir melhor a Deus e para fazer grandes esmolas.»

Reflexões

Seja o estado que for, não há outro alicerce do verdadeiro mérito nem outro princípio de verdadeira felicidade que a inocência da vida e a pureza dos costumes. Julguemo-lo pela perturbação e pela inquietude do pecador. Em vão pretende o ímpio que o tenham por feliz, em vão se lisonjeia de que goza uma grande paz: *pax, pax; et non erat pax*. Não se fez a paz para a má consciência; só a virtude faz o homem ditoso. Não é possível amar apaixonadamente as riquezas e amar a Deus. Sempre está o coração onde está o tesouro. Ser rico e não contar com seus bens, ser rico e ser mortificado, ser rico e ser humilde, ser rico e ser afável, aprazível, grato e liberal com os pobres; estar criado entre a abundância, o regalo e a delicadeza, cercado de cortejadores e de lisonjeiros, e ter por felizes os necessitados, os desprezados, os perseguidos, os carregados de opróbrios: não é a maior de todas as maravilhas? *Quis est hic, et laudabimus eum?* Quem é este, e o louvaremos? Porque, em realidade, sua vida é um milagre de fé, de religião, de inocência. Coisa estranha! Todos convêm em que este é um daqueles prodígios que se veem muito raras vezes; concordam todos em que a virtude e o amor das riquezas são incompatíveis; e, não obstante isso, quem há que não deseje ser rico? Que paixão há mais viva nem mais universal? Qual que menos se oculte nem menos se recate? Mas o que põe em tão grande perigo a salvação dos ricos não é somente a facilidade de fazer quanto se lhes antoja sem que lho estorvem: não lhes serve de menos embaraço para salvar-se a dificuldade de encontrar remédios eficazes para curar este mal. Trata-se com sumo tento sua delicadeza, vai-se com a corrente de suas inclinações, aplaudem-se, celebram-se até seus mesmos defeitos; e quantos confessores há covardes e prevaricadores que, temendo desagradar-lhes, os adulam em suas mesmas desordens? Acham-se já muitos Batistas que lhes digam com santa liberdade: *Non licet*, isso não vos é lícito; esse é um grande pecado? Encontram-se muitos profetas que lhes gritem com generosa inteireza: *Væ, qui opulenti estis!* Tristes de vós, os que amontoais a mãos cheias, os que vos dais pressa em enriquecer-vos, os que esqueceis o pobre em vossa abundância, os que colocais vossa confiança em vossos tesouros! Há ricos verdadeiramente virtuosos que não têm posto o coração nas riquezas, e estes são aqueles cujos bens toma Deus por sua conta conservar-lhos e até aumentar-lhos; ao mesmo tempo que faz que se desvaneçam como fumo aquelas fortunas repentinas adquiridas por meios nada inocentes. Se se quer assegurar a abundância nas famílias, distribuam-se sem escassez esmolas aos pobres. Os poderosos que fazem excessivos gastos para a ostentação e para serem por eles mais estimados, não poucas vezes se tornam pelos mesmos meios mais desprezíveis. Não há honra igual à de poder fazer bem ao próprio Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** [35] Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, [36] et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. [37] Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. [38] Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. [39] Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. [40] Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: [35] Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; [36] e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Dos motivos particulares para não dilatar a conversão

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais oposta às luzes da fé, às máximas da Religião, ao bom juízo e até à mesma razão natural do que dilatar a conversão.

Conheço que tenho necessidade de converter-me; não quisera morrer neste estado; só o pensamento de que me pode suceder esta desdita me estremece. Quê! Morrer sem ter feito uma confissão geral, sem ter restituído aquele dinheiro? Morrer no costume do pecado, sem ter-me reconciliado com meu inimigo, sem ter emendado minha vida? Ah, que, se morresse neste infeliz estado, conheço claramente que sem remédio me condenaria! Pois que razão terei para dilatar minha conversão para outro tempo? Parece-me porventura que me arrependeria demasiadamente cedo de meus pecados, se começasse desde agora a arrepender-me, se me dedicasse desde logo a fazer penitência deles? Seria amar a Deus demasiadamente cedo, ou deixar de ser dissoluto, de ser ímpio com muita antecipação?

Mas, enfim, quando nos havemos de converter? Fixemos pelo menos o ano e o dia de nossa conversão: mas quem nos assegurará esse ano e esse dia? Que extravagância! Que loucura tão

estranha pôr em perigo a alma, arriscar a salvação eterna, contando com o dia mais incerto da vida, fiando-nos de um tempo que não está em nossa mão e do qual não sabemos se poderemos dispor!

Mas suponhamos que haveremos de ter este tempo, suposição frívola: e que sucederá então? Sentiremos menos dificuldade em romper os laços pelo mesmo fato de os ter multiplicado? Estarei então mais convencido do que estou agora da extrema necessidade que tenho de converter-me? Ao presente penso nisso e não o quero. É incerto se pensarei o mesmo outro dia; é muito mais incerto se quererei, ainda dado caso que o pense; e tenho mil motivos para crer que tampouco então quererei, ou que o quererei mais tíbia e mais ineficazmente do que agora.

Quanto mais vivamos, mais dificuldades teremos que superar. O costume se mortifica com os atos; as paixões crescem com a idade; os estorvos se multiplicam com os anos. Que razão temos para persuadir-nos de que outro dia seremos mais dóceis que hoje?

De duas, uma: ou persuadamo-nos de que agora não temos necessidade de converter-nos, ou convertamo-nos agora, quando a graça nos solicita.

Bom Deus, que alegria terei amanhã, depois de amanhã e todos os dias de minha vida, se me converto desde logo! Sim, este dia de hoje pode ser o dia de minha salvação, se o for o de minha conversão; e de quem dependerá que não o seja? Ai! Só depende de mim. E é possível que eu hei de ser eternamente o maior inimigo de mim mesmo? O maior contrário de minha eterna felicidade? Acaso jurei eu mesmo minha própria perdição? Vós, Senhor, me solicitais, vós me estreitais, vós me ofereceis vossa graça. Que raiva, que furor, se resisto a ela mais tempo!

Segundo ponto

Considera quão crítica é para ti esta meditação e quanto te importa não resistir à graça. Ao presente tens em tua mão muitos meios que talvez jamais voltarás a ter. Nunca foram menos os estorvos, e talvez nunca te acharás em circunstâncias mais favoráveis. O certo é que nunca hás de ter tanta vida como a que tens agora e, consequentemente, nem tanto tempo para fazer penitência de tuas culpas. Atrever-te-ás a dizer seriamente que ainda tens demasiado tempo? Gozas ao presente uma robusta saúde, e com tudo isso talvez estejas muito próximo de tua derradeira enfermidade. Agora estás seguro da graça: boa prova são os piedosos movimentos que sentes nesta meditação, porque são efeitos dela. Agora te achas com vontade de converter-te; porque, fazendo estas reflexões, como seria possível que quisesses permanecer em tuas desordens? Podes agora achar um prudente e zeloso confessor, um amigo fiel e sincero, com outros cem auxílios que provavelmente não encontrarás com tanta facilidade, nem em outra parte, nem em algum outro tempo, se tornas inúteis os que agora tens na mão. Busca, imagina alguma boa razão para não te aproveitares destes meios e para dilatar tua conversão para outro tempo. As circunstâncias presentes não podem ser mais favoráveis; tudo conspira a teu maior bem. Será possível que só tu te opões a ele? Assombro é que sejam necessárias tantas razões para convencer-nos de que é necessário converter-nos; isto é, para persuadir-nos a que nos livremos do iminente perigo de condenar-nos.

Tudo nos prega nossa conversão. A prosperidade e as desgraças, a saúde e a enfermidade, as honras e os desprezos, todos são motivos igualmente poderosos para voltar-nos a Deus. Quê! O Senhor me está cumulando de benefícios, e eu hei de prosseguir em ofendê-lo? O Senhor me castiga com reveses, com desgraças, com contratempos, e eu hei de perseverar em irritá-lo? Tenho saúde, acho-me robusto; pois este é o tempo mais próprio para trabalhar em minha salvação. Sinto-me enfermo, vivo cheio de achaques; e hei de aguardar a morte para fazer penitência? Estou cumulado de honras neste mundo; e quero viver em pecado, para viver depois no outro cheio de uma eterna confusão? Sou o desprezo de todos; muito bem, sejamos santos, e está feita nossa fortuna. Meu Deus! De que nos serve ser cristãos, ser racionais, se não discorremos desta maneira?

Senhor, que é o que devo esperar se não me converto neste mesmo dia? Muitas vezes tive pensamento de emendar minha vida, de reformar meus costumes, de romper estes laços, de cortar aquelas amizades, de deixar aquelas diversões pouco cristãs; todos estes desejos, todos estes projetos de conversão foram estéreis até aqui; mas, cheio de confiança em vossa misericórdia, espero que não será o mesmo com os que formo ao presente.

Jaculatórias

> *Surgam, et ibo ad Patrem.* Lc 15.

Não, meu Deus, já não me detenho a deliberar; lanço-me em vossos braços, como nos de meu amoroso pai, desde este mesmo ponto; sem outra dilação, quero ser vosso.

> *Dixi: nunc cœpi.* Sl 76.

Já não dilato para amanhã minha conversão; agora dou generoso princípio à emenda de minha vida.

Propósitos

1. Apenas reconheceu o filho pródigo seus descaminhos, rendendo-se aos impulsos da graça, restituiu-se no mesmo instante à casa de seu pai. A execução há de seguir imediatamente ao projeto de converter-se. O mesmo fizeram os Magos; mal descobriram a estrela, no mesmo momento se puseram a caminho. Nenhum dos que deliberaram se haviam de ir ou não adorar o Salvador, nenhum foi adorá-lo. Tu conheces hoje que tens necessidade de converter-te, não aguardes a amanhã para fazê-lo e tem o consolo de tê-lo executado antes que se acabe este

mesmo dia. A conversão do coração, que é a essencial, faz-se num momento. A exterior pouco tarda em efetuar-se; esta custa pouco quando está feita a interior. Por aquela convence-te agora da sinceridade desta. Ontem deste princípio a ela pelos pequenos sacrifícios ou pelas ligeiras mortificações que te aconselharam fizesses; põe-lhe hoje ditoso fim, com o socorro da graça, que te insta a que não a dilates. Para isto, prostrado diante do santíssimo Sacramento, ou em teu quarto diante de um crucifixo, faze um fervoroso ato de contrição, concebendo um vivíssimo pesar de ter tido uma vida tão desregrada, prometendo ao Senhor uma eterna fidelidade que não se desminta jamais. Se tens necessidade de fazer uma confissão geral, não há que diferi-la para outro tempo; começa hoje a escrever teus pecados e, ainda que não escrevas mais que duas palavras, em todo caso começa hoje. Dá a Deus uma palavra firme, resoluta, de não ver mais tal pessoa, de não voltar a pôr os pés naquela casa, de não assistir jamais a tais e tais espetáculos ou diversões, etc. Anota em algum livrinho secreto que este foi o dia de tua conversão. Vai ouvir missa com esta intenção; e, quando se elevar a hóstia, renova tua contrição e teus propósitos. Dize humildemente a Jesus Cristo que és o filho pródigo que volta aos braços de seu pai com resolução de não lhe dar mais motivo de desgosto e de obedecer-lhe com a mais rendida pontualidade até a morte. Alguns, para fixar-se mais em seus propósitos, fazem voto por três, por quatro ou por oito dias de não falar a tal pessoa, de não entrar em tal casa, de não assistir a tal diversão, de retirar-se de tal jogo, etc. Estas piedosas resoluções são provas pouco equívocas de um sincero desejo de converter-se.

2. As pessoas que pela misericórdia do Senhor não tiveram necessidade de tão grande conversão não deixarão por isso de tê-la de alguma reforma. Por mais virtuosa, por mais devota que seja uma alma, sempre lhe restam muitas imperfeições que emendar, muitas virtudes que adquirir, muitos progressos que adiantar. Examina bem e nota cuidadosamente os principais pontos de reforma que Deus pode desejar de ti. Em que coisas te relaxaste? Que exercícios, que atos de virtude omitiste? Qual é tua paixão dominante? Que defeitos, que imperfeições tens que emendar? E qual é a virtude que te faz mais falta? Faze, por assim dizer, anatomia desta conversão; escolhe dois ou três pontos sobre os quais hás de trazer exame particular e impõe-te uma penitência por cada vez que faltares aos propósitos que fizeres. No negócio importante da salvação tudo depende da execução. Para que tudo isto se faça com mais eficácia, convirá muito que desde hoje mesmo te imponhas uma lei de fazer regular e diariamente, por espaço de meio quarto de hora, exame particular daquele defeito que queres emendar ou daquela virtude que pretendes adquirir; e o tempo mais oportuno para este exame é perto do meio-dia. Poucos exercícios espirituais se acharão mais úteis que este.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:43 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:43 by Admin